

Uma Carta para Angela ou prolegômenos para uma ontologia bêbada⁸⁵

Rafael Haddock-Lobo⁸⁶

Resumo

O texto aqui apresentado originou-se de uma palestra no “II Seminário Internacional Poéticas e Políticas da Pesquisa em Educação”, organizado pelo LEQUE - Laboratório de Estudos Queer em Educação, sob a coordenação do Professor Thiago Ranniery. A mesa para a qual fui convidado era direcionada pelo verbo EMBRIAGAR e, de imediato ao convite, decidi refletir sobre minha relação ao longo da juventude com a música de Angela Ro Ro, buscando me emaranhar nessas profundas ontologias sentimentais e complexas que se apresentam em suas letras, especificamente em seu disco de estréia de 1979⁸⁷, homônimo da cantora.

Palavras-chave: Angela Ro Ro; Ontologia; Amor.

Abstract

This text comes from a lecture at the “II Seminar on Poetics and Politics of Research in Education”, organized by LEQUE - Laboratory of Queer Studies in Education, under the coordination of Professor Thigo Ranniery. The Roundtable to which I was invited was directed by the verb TO GET DRUNK and immediately after the invitation I decided to reflect on my relationship throughout my youth with Angela Ro Ro’s music. In this article, I look forward to get involved in these deep sentimental and complex ontologies that appears in her lyrics, specifically in her 1979’s debut album, the singer’s namesake.

Keywords: Angela Ro Ro; Ontology, Love.

Introdução

“era meia noite quando o malvado chegou, era meia noite quando o malvado chegou. corre gira, corre gira, vai chegar a madrugada. salve exu, salve exu, das sete encruzilhadas”⁸⁸. o ponto não saia da minha cabeça, enquanto ainda estava no bar das putas, quer dizer, bar da praça, com minha amiga carla rocha. ríamos e cantávamos ro ro. “te sinto no ar, na brisa do mar, eu quero te ver. pois ontem a noite, sonhando acordada, dormi com você”⁸⁹ ... ríamos mais, mas já era hora da bicha velha aqui voltar pra casa antes de virar abóbora. enquanto

⁸⁵ Este texto foi escrito para ser lido em voz alta. Ele não pretende seguir as regras ortográficas da escrita, mas sim da sonoridade oral. Também foi escrito sem letras maiúsculas, seguindo a lógica da emaiusculação proposta por Derrida. Agradeço aos editores por me permitirem alguns caprichos como autor, na tentativa de manter a musicalidade da qual o texto se alimenta: assim mesmo, como colagem de músicas, sem maiúsculas másculas, numa espécie de delírio, de texto embriagado escrito noite adentro com o copo de uísque ao lado

⁸⁶ Professor do Departamento de Filosofia da UFRJ e dos Programas de Pós-graduação em Filosofia da UERJ e da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (FIOCRUZ, UERJ, UFF, UFRJ). Atualmente desenvolvo Pesquisa de Pós-Doutorado no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), sob a supervisão do Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel, a quem agradeço imensamente a interlocução. E-mail: rafael@ifcs.ufrj.br

⁸⁷ Angela Ro Ro, 1979. Sugiro que o leitor leia o texto ouvindo o disco, como bem aprendi com a epistemologia de Morangos mofados, de Caio Fernando Abreu.

<https://open.spotify.com/intl-pt/album/5b9KqfZmD65KQNs6vD4VBd?si=ErJyiusyRvuJZUH19m82aQ>

⁸⁸ Ponto de Exu Sete Encruzilhadas.

⁸⁹ “Simples Carinho”, de Abel Silva e João Donato, 1982.

atravessávamos a praça tiradentes, uma moça bonita, pele bem preta, envolta em um plástico também preto, com apenas seu rosto aparecendo, e com um sorriso branco de tão negro daqueles que traz felicidade, cantou pra gente: “beba, beba, beba, beba, beba, beba, beba, beba, na porta do botequim. ela bebe sim, ninguém tem nada com isso, ela bebe o seu marafó e ainda faz o seu feitiço”⁹⁰. gargalhou, nos abençoou com sua altivez e mandou a gente *ir oló*.⁹¹

cheguei em casa, depois de o carro ter deixado a falsa tijuicana no rio comprido, e vejo a mensagem de thiago ranniery me convidando para falar em um evento sobre: *embriagar*. não o conhecia pessoalmente, mas adoro a *bee*, então disse sim. no impulso, como quando faço as coisas de que gosto. mas, depois, pensei: como? não tô há alguns anos defendendo que só escrevo a partir daquilo que me toca, que aciona e convida meu corpo para escrever?, que essa honestidade é a única coisa com a qual me comprometo? como então aceito eu, essa bicha que não bebe, que diz não beber pelo fato de não gostar do gosto, mas que deve, com isso, mascarar o fato de não admitir perder o controle, como que essa bixa irresponsável de tão careta aceita falar sobre embriaguez e experiência de escrita? só exu na causa.

*

pois bem, durante o banho, um belo dia, na verdade não foi um dia qualquer, foi no dia dois de novembro, dia de finados, com uma chuvinha gostosa e com um friozinho dadivoso em novembro, pensei: eu não bebo, mas meu corpo bebe.

eu não bebo, pelo gosto ou pela desculpa, pois de alguma maneira minha cabeça não gosta de beber, mas quando cedo meu corpo para que os outros me cavalguem, eles bebem o quê e como querem. não é à toa que, quando sinto a necessidade de, estando acordado, beber - quando estou à mesa com muitos amigos ou quando sinto que meu corpo precisa de proteção - eu bebo aquilo que meu exu mais gosta de beber: uísque.

por isso, não poderia estar aqui hoje se não fosse pelo fato de exu fazer o álcool circular por meu corpo a ponto de alguém que, em mente, não bebe, poder beber. mas será que isso é beber sem se embriagar? então, pego uma garrafa de jameson e o copo de estranho de seu sete encruzilhadas, coloco ao lado do computador e, com pequenos goles, vou tentando escrever essas frases, como que na concentração para o transe de um corpo que precisa ser possuído para beber e, na embriaguez do transe, permitir-se embriagar.

⁹⁰ Ponto de Pombagira.

⁹¹ Mesmo que “cantar pra subir”.

nessas linhas que pareço ver ao longe, uma lembrança me chega: eu, adolescente, tentando me embriagar, enquanto que me fingindo mais do que estando, lendo “os sobreviventes”, de caio fernando abreu. era isso, eu me embebedava de morangos mofados, águas vivas e terceiras margens⁹²: e a lembrança me fez rememorar a rubrica de caio fernando abreu, que mandava que seu conto fosse lido ao som de angela ro ro:

dormindo no escuro sobre este sofá amarelo, ao lado das papoulas quase murchas, embalada pelo piano remoto como uma canção de ninar, e ela se contrai violenta e pede que eu ponha angela outra vez, e eu viro o disco, amor meu grande amor, caminhamos tontos até o banheiro onde sustento sua cabeça para que vomite, e sem querer vomito junto, ao mesmo tempo, os dois abraçados, fragmentos azedos sobre línguas misturadas.⁹³

era isso. caio me mandava, *a mim e a mais ninguém*⁹⁴, eu deixar angela me possuir. abro o spotify e boto no meu album, aquele que todo mundo acha que é só seu e composto só pra si: o primeiro.

*

o cheiro de amor⁹⁵ de angela, que exala suor, manda que ponha de lado o tormento, nesse mundo atento a não perdoar, para que o amor se torne delírio, já que é de embriaguez do amor, do sexo, do ciúme, do ódio, que o disco trata, o tempo todo. “amo apertado sou tua, trancada com medo da rua. se isso é pecado, me puna, a culpa de amar livre e nua”. e o olhar que arrepiava que a voz rouca nos conta, me morde e me desafia para o dia em que eu fique com meu melhor. ah, angela, que convite, que entrada em cena, e eu com o copo de uísque ao meu lado, que nem você, nos velhos tempos, em seu piano, cantando no ball room, no arpoador ou no rival.

angela me formou como sujeito amante. como madonna me formou como sujeito sexual e como filósofo que gosta de enfrentar a carece, angela me forma na dor, no sofrimento e me ajudou sempre, desde minha adolescência, com minha impossibilidade de chorar.

quando estava triste e não conseguia chorar - pois é, eu não choro. normalmente não choro e nem quero, mas às vezes quero e não choro. às vezes, mais ainda, sinto que preciso e não consigo: aí angela me ajudava. não chorava ainda, mas, ouvindo angela, era como se as lágrimas caíssem e eu me purificasse, como se ela, com a voz rouca como o trovão de xangô trouxesse a chuva dos olhos de oraiêê.

⁹² Minha paixão adolescente, que ainda permanece, por Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Caio Fernando Abreu.

⁹³ ABREU, C.F. “Os sobreviventes (*Para ler ao som de Angela Ro Ro*)”, in: *Morangos Mofados*, p. 29.

⁹⁴ “A mim e a mais ninguém”, de Angela Ro Ro e Sergio Bandeyra, 1979.

⁹⁵ Contém inúmeras referências parafraseadas de “Cheirando de amor”, de ANgela Ro Ro, que abre o disco de 1979.

“não tire da minha mãe esse copo”⁹⁶, canta. olha o aforismo: “não pense em mim quando eu calo de dor. olha meus olhos repletos, de ânsia e de amor”. angela segura o copo com suas gotas de sangue que eu não chorava, gotas em forma verbal, com a súplica para beber seu perfume. embriagar. e que não tire de minha boca esse beijo, pois nunca se pode confundir carinho e desejo. mas beba comigo, angela, a gota de sangue final.

gotas d’água, de sangue e de sêmen marcaram meus momentos solitários no quarto escuro, e lá ficava eu: “agradeço tanto, agradeço por você não ser do jeito que eu sou, agradeço tanto, agradeço por você, não ter me dado o seu amor”⁹⁷, amaldiçoando tantas tolas e tolos que foram eles que não compartilharam do mundo escuro e solitário do meu quarto trancado. como a taça que quer transbordar, ro ro era meu zaratustra sapatão, com tanto amor pra dar desprezado, mudando a cada ausência de choro, mas aprendendo com angela a viver no desamor, agradecendo, de coração aberto e com a felicidade perto.

como poderia eu me tornar um filósofo racionalista se, muito antes de qualquer filósofo, angela me ensinava que não há cabeça⁹⁸ que o coração não mande e nem bebida que beba a saudade? angela me ensinava que viemos do desamor morrendo, mas que essa tristeza que o amor me deu, é a coisa mais bonita dentro do meu eu... como angela, tentei sempre na vida sentir, dizer e fazer, preferindo ficar só na ilusão que matar a esperança de amar no meu coração. o amor na solidão, o amor e a solidão, o amor entre solitários, tudo isso devo a ela, com sua ética apaixonada, desesperada e escandalosa (afinal, mudando de disco, também sempre me senti a irmã-luz, trazendo o escândalo, de machado e sândalo, dando gargalhada e dando dentada na maçã da luxúria, pra quê? se, no final, com tanto frio, o escândalo sempre fui eu, ali – no meu quarto – só⁹⁹).

*

um dia eu via televisão. angela estava no jô. ainda morava na tijuca, então certamente era antes de 1995. ela, sem o menor problema, disse que estava precisando fazer show e que não tinha produtora. quem quisesse a contratar ligasse para 235-7164 (sim, aos mais novos: os números de telefone já tiveram 7 dígitos). anotei em um papel: um dia teria a coragem de ligar.

⁹⁶ Trecho dedicado a “Gota de sangue”, uma das minhas músicas favoritas de Angela, talvez a favorita se eu fosse obrigado a escolher apenas uma, o que, felizmente, não sou.

⁹⁷ “Tola foi você”, de Angela Ro Ro, a terceira música do álbum de 79.

⁹⁸ “Não há cabeça”, de Angela Ro Ro, 1979.

⁹⁹ “Escândalo”, escrito por Caetano Veloso para Angela, e gravado por ela em 1981.

*

entre amores e grandes amores¹⁰⁰, que não chegam nunca na hora marcada, aprendendo que todo amor que a gente ama, no fundo a gente dedica à gente e a mais ninguém¹⁰¹, angela estava lá, sendo sempre a última e a primeira. ouvindo, escrevendo, chegando bem de repente, angela sempre me ajudando a viver sem sentir o que não sinto, assim como as canções, como as paixões e as palavras. bebendo angela, se aprende que as coisas vão ficar com o passar do tempo, mesmo que este flutue, porque não se pode gostar de quem gosta do medo. correndo perigo, vingando o canto e o pranto, oferecendo o calor e o endereço, quero apenas que seja - de qualquer maneira.

angela me ofereceu sua máscara de tagarela, que sorri e faz palhaçada, mesmo quando beijo sem ser beijado, quando o mar me traga, e o meu barco afundando, bem como a chegada na ilha deserta em que atraco, na ilusão e quimera que cala a ilusão e o afogamento. a tentativa de querer se fazer a qualquer custo entender e que nos faz adormecer errando, só se aprende quando aceitamos que há aquele tipo de gente, como nós, angela, que se acalma danando¹⁰².

angela é de um ceticismo do caralho. cética da porra, cética embucetada, diria minha mãe. mas de um ceticismo sem ataraxia, que nunca se tranquiliza, desse puta ceticismo que adormece errando e acalma danando. mas como isso melhora uma vida!, como é bom ter uma mestra dessas quando estamos em um momento da vida em que cada dor parece que suspende nossa vida e corta nossa carne até não suportarmos. como é bom errar e danar com essa moça de tranca-ruas.

*

um certo dia, anos depois, pois morava eu já em copacabana - provavelmente entre 2003 e 2004 - em um momento triste, pego minha agenda e disco para o número que anotei anos antes, botando agora o 2 na frente e ligando pra minha vizinha de bairro. atende sua secretária eletrônica, eu escuto sua voz rouca dizendo que não podia atender e que eu deixasse o recado. minha vontade era contar minha dor e o quanto ela tornava suportável o viver. mas fui daqueles que ela odeia, pois não quis correr perigo, me apeguei ao medo e desliguei o telefone.

talvez, estivesse eu em um momento da vida em que a moça sem recato, que desacata a autoridade e se dá mal¹⁰³ já me amedrontava. será que eu, jovem professor, conseguiria, naquele

¹⁰⁰ "Amor meu grande amor", de Ana Terra e Angela Ro Ro, de 1979.

¹⁰¹ "A mim e a mais ninguém", já citada.

¹⁰² "Me acalmo danando", de Angela Ro Ro, 1979.

¹⁰³ "Agito e uso", de Angela Ro Ro, 1979.

momento da vida, da busca de estabilidade, lidar com o que resta da cidade, respirando liberdade por igual? talvez não estivesse mais à altura de virar, revirar, quebrar e tossir. se seu medo sempre foi sua coragem de viver além da margem e não parar de dar bandeira a vida inteira segurando seu cabresto sem frear, eu sou aquele que por dentro sempre pensa em quase tudo. e ainda que o jeito que, eu e ela, conduzimos nossas vidas não ser tido como forma popular, já tinha eu, naquele momento, um certo pudor com relação àquilo que é tido como abuso, sem o ímpeto de, antes de ir, agitar e usar.

ah, mas a essa vida é mesmo assim¹⁰⁴, um belo dia, um ou dois depois da minha cagada de medo, angela devia estar navegando os mares da espanha¹⁰⁵, pois quando eu chego em casa e ouço minha secretária, lá estava o seguinte recado com aquela voz rouca que tanto amei e temi: “rafael [meu nome estava em minha gravação], onde está *fulana* [prefiro não comentar]?”. angela tinha bina e eu não imaginara. angela tinha agora meu telefone. angela me confundira com algum outro rafael, que merda. quem será esse rafael, que deve saber onde está *fulana*? como vou responder a isso? e a voz continuava: “rafael, peça pra *fulana* voltar diga que ela é minha *joie de viver*”. ah, angela, me deixa ir com você procurar *fulana*, quem sou eu para retirar sua alegria de viver? loucura é loucura e eu te compreendo, nunca te repreenderia, nem que você caminhasse às três da manhã, nem que você se enganasse pra ver o que é bom, nem que você rastejasse até o leblon. se *fulana* estiver navegando o vazio da espanha, me espera no leblon, que caminho a teu lado de volta pra casa, deixando as mentiras e os sonhos para trás. caminhamos os dois às seis da manhã, não precisa rastejar pois estarei com você, deitado a seu lado pra desabafar seu sono de uísque e vergonha e prometo, que você terá alguém do seu lado quando acordar. você amou demais.

*

te deixo, minha amiga, na casa de sua mãezinha¹⁰⁶, não peça mais pra ela não te mimar, pois é desse doce mel que você precisa, já que não te respondi nem sei quem é *fulana*, muito menos onde ela está. deixei minha diva sem resposta: ensaiei trezentas mil, nenhuma era merecedora de angela. porque não respondi apenas que eu não era ele, mas que estava ali para ela! Eu também tive minhas mãos cerradas e lacradas como um cofre de um banco qualquer.

¹⁰⁴ “A vida é mesmo assim”, de Angela Ro Ro, 1984.

¹⁰⁵ “Mares da Espanha”, de Angela Ro Ro, 1979.

¹⁰⁶ “Minha mãezinha”, de Angela Ro Ro, 1979.

*

e meu medo de angela se entregar sem um zelo¹⁰⁷ ao apelo de sorrir? e se ela se ofertasse inteira e dócil a um fácil seduzir, sem saber que o destino diz verdades ao mentir? e se ela, arrasada, acabada, maltratada, torturada, desprezada, liquidada, sem estrada pra fugir, fosse, embora não mais pequena, uma vez mais no amor se iludir? tadinha dela. não quero mais te ver biritada sem ter nem onde cair, buscando toda noite algo pra se divertir. você não encontra, você sabe disso. lembra dela, daquela outra que desesperava da espera por alguém pra lhe ouvir e sentia o frio na costela e uma ânsia de sumir, e transava modelito forte e comprimido pra dormir. ela não acordou mais. então, angela, sai dessa balada e abre o coração¹⁰⁸.

minha anja da guarda de asas quebradas, só posso te lembrar que você sabe que *fulana* sumiu e que várias *fulanas* sumirão, e você nunca precisou saber onde elas esconderam sua imensa dor. você sempre soube que, cá pra nós, já era hora de elas terem ido embora e acabar de vez com todo esse sofrer. todos sabemos. aliás, sempre soubemos. mas sempre queremos mais¹⁰⁹, uma fatalidade, um jazz, nessa vida que olha o que a gente fez¹¹⁰.

e é por isso que a gente bebe demais, fala demais, ri demais e ama demais¹¹¹.

*

o que aprendi durante esses mais de trinta anos ouvindo angela, foi que “todo prejuízo feito é um espelho de efeito e você tem que mirar pra poder se ver. se o espelho está quebrado, quase tudo deu errado. pelo menos vai tentar olhar você”. obrigado por abrir meu coração e fazer o sol nascer¹¹².

e, caio, ah, minha bixa de devoção, te agradeço, uma vez mais, por me ajudar a encontrar esse “verde doentio, guardado no fundo escuro de alguma gaveta”, regurgitando na minha boca, outra vez, aquele gosto de morangos mofando e me trazendo essa anja rouca:

a chave gira na porta. preciso me apoiar contra a parede para não cair. por trás da madeira, misturada ao piano e à voz rouca de angela, nem que eu rastejasse até o leblon, consigo ouvi-la repetindo e repetindo que tudo vai bem, tudo

¹⁰⁷ “Balada da arrasada”, de Angela Ro Ro, 1979.

¹⁰⁸ “Abre o coração”, de Angela Ro Ro, 1979.

¹⁰⁹ “Quero mais”, de Angela Ro Ro, 1993.

¹¹⁰ “Vida”, de Chico Buarque, de 1993.

¹¹¹ “Demais”, de Tom Jobim e Aloísio de Oliveira, 1982.

¹¹² “Abre o coração”, já citada.

continua bem, tudo muito bem, muito bem. axé, axé, axé! eu digo e insisto até que o elevador chegue axé, axé, axé, odara!¹¹³

Referências

Abreu, Caio Fernando. “Os sobreviventes (*Para ler ao som de Angela Ro Ro*)”, in: **Morangos mofados**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

Ro Ro, Angela. **Angela RoRo**. Polygram, 1979.

Ro Ro, Angela. **Só nos resta viver**. Polygram, 1980.

Ro Ro, Angela. **Escândalo**. Polygram, 1981.

Ro Ro, Angela. **Simple carinho**. Polygram, 1982.

Ro Ro, Angela. **Angela Ro Ro ao vivo**. Som Livre, 1993.

¹¹³ ABREU, C.F. “Os sobreviventes (*Para ler ao som de Angela Ro Ro*)”, in: *Morangos Mofados*, p. 29.